

A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DO ENFERMEIRO NOS SERVIÇOS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA DO BRASIL: ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA CLASSIFICAÇÃO DE RISCO

¹Robson Pereira da Silva ²Maria do Socorro Silva ³Gerlane Cavalcante Silva ⁴Kamilla Patrício Lacerda

¹²³⁴Discentes do curso de bacharelado em enfermagem na Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande- PB/ e-mail: robsonrobby13@gmail.com socorrms1@outlook.com

⁵Professora da Faculdade Maurício de Nassau, Especialista em Educação e Saúde Pública; e-mail: kamilla.lacerda@hotmail.com

Resumo: O sistema de triagem possui como objetivo organizar o fluxo dos pacientes que buscam atendimento em serviços de urgência identificando os que necessitam de prioridade e os que podem aguardar o atendimento em segurança pela ordem de chegada ao serviço. A avaliação da classificação de risco deve ser realizada por um enfermeiro preparado e qualificado com conhecimentos técnicos e científicos. **Objetivo:** Descrever através da análise na literatura a importância da qualificação do enfermeiro em urgência e emergência no Brasil especificamente na triagem com manuseio da classificação de risco. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, LILACS e Base de Dados de Enfermagem-BDENF, usando os descritores: Enfermeiros; Triagem e Emergências, após utilizar os critérios de inclusão foi obtido resultado de 11 artigos. **Resultados e Discussão:** O enfermeiro deve estar preparado para classificar e, se necessário, reclassificar a prioridade de atendimento do usuário ao longo do período de espera. A avaliação do enfermeiro deve ser clínica, ou seja, requer contínuo planejamento e reavaliações dos usuários. **Conclusão:** Foi possível identificar que, o enfermeiro precisa de uma formação e um preparo específico, para que sua atuação seja repleta de habilidades, possibilitando mudanças e ampliações em sua atuação. Portanto a função do enfermeiro nessa área, necessita de um perfil, tendo formação e conhecimento específico atualizado para desenvolver com qualidade suas competências neste serviço.

Palavras-chave: Enfermeiros; Triagem; Emergências.

INTRODUÇÃO

A educação para os alunos de enfermagem no Brasil, desde a sua existência, vem passando por algumas transcrições, frente as necessidades e demandas quanto ao seu papel na formação de recursos humanos, tendo em vista criar um perfil adequado para atender às necessidades de saúde de uma determinada população (Gentil RC; Ramos LH, 2008).

Quanto a educação do enfermeiro no Brasil na área de urgência e emergência, existem cursos de especialização em emergência ou APH, esses cursos atendem as diretrizes do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Enfermagem, porém são poucos que possuem essa qualificação tendo em vista o número de ofertas de programas ou cursos de capacitação que atendam a necessidade de formação qualificada e adaptada ao padrão brasileiro (Gentil; Ramos; Whitaker, 2008)

Em relação os serviços de urgência de emergência no Brasil a Portaria 2048 do Ministério da Saúde preconiza a inserção de ferramentas como acolhimento o paciente e a triagem classificatória quanto ao risco do paciente. A portaria ainda afirma que esse trabalho deve ser executado por profissional de nível superior e que os mesmos estejam capacitados para usar os protocolos além de avaliar o grau de urgência dos pacientes, reconhecendo o paciente que possui prioridade de acordo com suas necessidades. (BRASIL, 2004).

Os serviços de emergência devem estar preparados com a elevação de buscas por seus serviços, acolhendo pacientes no quadro de urgência, além dos que não têm acesso à atenção primária e especializada. Com a superlotação de usuários deste serviço, prejudica diretamente na qualificação do serviço prestado. Os pacientes que possuem sangramentos e urgências ruidosas são os que possuem prioridade neste serviço, gerando um contraponto, isso quer dizer que teremos pontos de vista diferente em relação aos pacientes com quadros mais graves, onde os mesmos permanecem mais tempo aguardando atendimento dos profissionais (BRASIL, 2006, p. 02).

A assistência aos pacientes nos serviços de emergência e prejudicada devido a alguns problemas relevantes de organização deste serviço, sendo um deles: a inserção do atendimento por ordem de chegada. Isso quer dizer que os pacientes daquele serviço, não são avaliados quanto ao seu potencial risco, acarretando possíveis consequências, que poderiam ser evitadas. (BRASIL, 2004, p. 03).

Segundo o autor Acosta (2012) o sistema de triagem possui como objetivo organizar o fluxo dos pacientes que buscam atendimento em serviços de urgência identificando os que necessitam de prioridade e os que podem aguardar o atendimento em segurança pela ordem de chegada ao serviço. A avaliação da classificação de risco deve ser realizada por um enfermeiro preparado e qualificado com conhecimentos técnicos e científicos.

O presente trabalho tem como objetivo descrever através da análise na literatura a importância da qualificação do enfermeiro em urgência e emergência no Brasil especificamente na triagem com manuseio da classificação de risco em hospitais que prestam atendimento urgência e emergência.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa, tendo uma abordagem qualitativa, foi realizada uma busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) indexadas na Scientific Electronic Library Online – SciELO, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS e Base de Dados de Enfermagem-BDENF, foram utilizados os descritores: Enfermeiros; Triagem e Emergências, obtendo resultado de 175 artigos, após utilizar os critérios de inclusão sendo eles: publicações disponíveis na língua portuguesa e os que continham relação com a temática esse número foi reduzido para 11 artigos, os trabalhos selecionados após os critérios de inclusão, foram lidos integralmente para a elaboração do presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas sobre a qualificação do enfermeiro na classificação de risco ainda são escassas no Brasil. Em 2004, a cartilha de classificação de risco, editada pelo Ministério da Saúde enfatiza o desempenho do trabalho de uma equipe multiprofissional para essa tarefa. De acordo com a gravidade foi centralizada na atuação do profissional de enfermagem nessa área (BRASIL, 2006). Somente a partir da adequação aos protocolos internacionais do Reino Unido, Estados Unidos e Canadá é que tem a priorização do atendimento ao usuário de acordo com seu quadro clínico de saúde.

A produção do conhecimento sobre as atividades do enfermeiro nos sistemas de triagem/classificação de risco, no que diz respeito ao conteúdo dos artigos, evidenciou-se que, de forma geral, são três categorias temáticas como: atribuições do enfermeiro na triagem de classificação de risco, habilidades e conhecimentos necessários, vantagens e desvantagens na realização da atividade.

O enfermeiro tem a função de coletar informações, baseando-se, principalmente, na escuta dos antecedentes clínicos e da queixa principal, realiza o exame físico, tendo como finalidade, identificar os sinais e sintomas, possibilitando o reconhecimento de padrões normais ou alterados e o olhar crítico para avaliação do estado de saúde do paciente (PIERINO, 2015).

Para acolher e verificar a credibilidade das informações clínicas o enfermeiro deve interpretar os sinais psicológicos, interpessoais e comunicativos do paciente. Na classificação de risco o trabalho do enfermeiro também é influenciado por aspectos sociais e pelo contexto de vida em que o usuário se encontra. Nesse sentido, o enfermeiro utiliza a avaliação intuitiva para exercer a classificação a partir da aparência física e do modo que o paciente apresenta o seu problema (ACOSTA, 2012).

Para isso, o enfermeiro deve estar preparado e qualificado para classificar e, se necessário, reclassificar a prioridade de atendimento do usuário ao longo do período de espera. A avaliação do enfermeiro deve ser cíclica, ou seja, requer contínuo planejamento e reavaliações dos usuários (CAVALCANTE, 2012).

Em função dos diversos problemas presentes no contexto do serviço de urgência e emergência, o enfermeiro precisa conhecer extensamente as condições clínicas, físicas, sócias e psicossociais da população. É fundamental para se realizar a classificação de risco o conhecimento teórico. Para se estabelecer uma prioridade mais adequada assim como a fisiologia e patologia das alterações mais frequentes o profissional deve ter conhecimento sobre o perfil epidemiológico dos usuários que procuram o serviço de urgência e emergência (SALVADOR, 2010).

Na avaliação do paciente, algumas publicações ressaltam a importância das habilidades do profissional em se associar com o conhecimento teórico. A fim de qualificar a classificação de risco para isso, é necessário se ter uma educação clínica e de suporte ao enfermeiro. Indicando que o conhecimento teórico é importante para a tomada de decisões e a preparação específica para a triagem aumentar a consistência das decisões dos enfermeiros para a priorização do atendimento (GATTI, 2004).

O qual é determinado pela procura espontânea em relação à emergência, sabe-se que há um grande fluxo das vítimas para os hospitais, que resultam em uma baixa qualidade da assistência

prestada e a superlotação dos Prontos Socorros e das Salas de Pronto Atendimento, conseqüentemente levando a baixa qualidade da assistência prestada. Nos serviços de pronto atendimento de urgência e emergência existem alguns parâmetros para a implantação de ações no que tange a definição de protocolos clínicos como: a demanda acolhida por critérios de avaliação de risco. Para que a assistência seja prestada não de forma impessoal e nem por ordem de chegada mais de acordo com os diferentes graus de necessidades (BONFIM, 2012).

Existem alguns pré-requisitos preconizado pelo Ministério da Saúde, para atingir os objetivos do PNH que são como: qualificar as equipes de acolhimento, estabelecer protocolos de atendimento e classificação de risco, quantificar os atendimentos diários, possuir sistema de informações para o agendamento de consultas ambulatoriais e encaminhamentos específicos, adequar a estrutura física e logística das áreas de emergência, observar o perfil da clientela e horários de pico (PIERINO, 2015).

O primeiro profissional de saúde, a realizar essa atividade muitas vezes é o enfermeiro, quando a família dos pacientes, vem ao serviço de saúde. Em um momento tão vulnerável, é necessário que ele tenha excelentes habilidades de comunicação para ajudar essas pessoas sobre o tipo de atendimento necessário e o tempo de espera provável para orientar o indivíduo e sua família (SALVADOR, 2010).

Esse profissional deve estar disposto à conversa e ao diálogo, ainda mais permitindo entender as necessidades de saúde apresentadas pelos usuários, criando a possibilidade do fortalecimento da rede de atenção e buscando a solução dos problemas, apresentando para cada situação referenciá-lo para outros serviços de saúde mais apropriados. Contudo para o enfermeiro na classificação de risco, o profissional deve acolher o usuário, ouvindo suas queixas e dando respostas a seus questionamentos. Por tanto o enfermeiro deve estabelecer uma relação empática e ter humanização com os pacientes para que possa diminuir a ansiedade no momento do atendimento no serviço muitas vezes pode ocorrer a agressividade ou a impaciência dos usuários (ACOSTA, 2012).

CONCLUSÃO

O enfermeiro e o responsável por administrar o fluxo da demanda dos usuários nos serviços de urgência do serviço, favorecendo a diminuição da morbimortalidade. É notável que há dificuldades para a execução dessas atividades, essas mudanças podem ser relativas as mudanças do estado clínico do usuário que aguarda pelo atendimento, sendo assim e possível afirmar que o enfermeiro deve estar preparado e qualificado para realizar esta classificação de risco, pois não é uma tarefa fácil. Vale ressaltar que a capacitação dos enfermeiros, compreendendo teoria, prática e bastante treinamento é indispensável para sua atuação na emergência, garantindo uma assistência de boa qualidade.

No Brasil, referente as pesquisas sobre a qualificação do enfermeiro na classificação de risco são escassas. Sendo necessário a realização de novos estudos em cenário nacional, com intenção de progredir o conhecimento sobre a atuação do enfermeiro na atenção às urgências e emergência.

Foi possível identificar que, o enfermeiro precisa de uma formação e um preparo específico, para que sua atuação seja repleta de habilidades, possibilitando mudanças e ampliações em sua atuação. Portanto a função do enfermeiro nessa área, necessita de um perfil, tendo formação e conhecimento específico atualizado para desenvolver com qualidade suas competências neste serviço.

REFERENCIAS:

1. ACOSTA, A.M; DURO, C.L.M; LIMA, M.A.D.S, Atividades do enfermeiro no sistema de triagem/classificação de risco nos serviços de urgência: revisão integrativa. 2012. **Revista Gaúcha Enfer.** Rio Grande do Sul, 2012;33(4):181-190.
2. ANZILIERO, F. Emprego do sistema de triagem de Manchester na estratificação de risco: Revisão de Literatura. **Trabalho de conclusão de Curso (TCC)**, Porto Alegre, 2011;
3. BONFIM, D. GAIDZINSKI, R. R.; SANTOS, F. M. Identificação das intervenções de enfermagem na Atenção Primária à Saúde: parâmetro para o dimensionamento de trabalhadores **Rev Esc Enferm USP** 2012; 46(6):1462-70
4. CAVALCANTE, R. B., RATES, H. F.; SILVA, L. T. C. Acolhimento com classificação de risco: proposta de humanização nos Serviços de urgência. **R. Enferm. Cent. O. Min.** 2012 set/dez; 2(3):428-437.
5. CIAMPONE M. H. T; PEDUZZI M. Planejamento como instrumento de gestão e estratégia. **In: Manual de Enfermagem**, São Paulo, 2001, 113f.
6. DURO, C. L. M.; LIMA, M. A. S. O papel do enfermeiro os sistemas de triagem em emergências: análise da literatura. **Oline Brazilian Journal of Nursnh** Vol. 9 nº 3, 2010.

7. Erdmann AL, Fernandes JD, Teixeira GA. **Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação**, Enfermagem em Foco 2011; 2(supl):89-93
8. GATTI M. F. Z; LEÃO E. R. O papel diferenciado do enfermeiro em serviço de emergência: a identificação de prioridades de atendimento. **Revista Nursing**, São Paulo: n. 73, v. 7, p. 2429, jun./2004.
9. Gentil RC, Ramos LH, Whitaker IY. Capacitação de enfermeiros no atendimento pré-hospitalar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, 2008 março-abril;16(2):192-197.
10. ULBIRICH, E. M.; MANTOVANI, M. F.; BALDUINO, A. F. Protocolo de enfermagem em atendimento emergencial: subsídios para o acolhimento às vítimas **Cogitare Enferm.** 2010 Abr/Jun; 15(2):286-92;
11. KONDO, E. H.; VILELLA, J. C.; BORBA, L. O. Abordagem da equipe de enfermagem ao usuário na emergência em saúde mental em um pronto atendimento. **Rev Esc Enferm USP** 2011; 45(2):501-7;
12. MAGALHÃES A. M. *et al.* Implantação de um sistema em Unidade de Emergência. **Revista HCPA**, Porto Alegre: n. 9, v. 3, p. 182-187, dez./1989
13. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
14. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). HumanizaSUS: acolhimento com avaliação e classificação de risco: um paradigma ético-estético no fazer em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
15. SALVADOR, P. T. C.; ALVES, K. Y. A.; DANTAS, R. A. N. O cuidado pré-hospitalar de enfermagem frente a um acidente com múltiplas vítimas: revisão integrativa da literatura **Rev enferm UFPE on line.** 2010 maio./jun.;4(esp):1195-203;